

# Turbulências



TURBULÊNCIAS

JANKEL ROTTENBERG

1992

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike License.

To view a copy of this license, visit

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/1.0/> or send a letter to Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA.

[www.linguanervosa.com.br](http://www.linguanervosa.com.br)

Este é o início

O mar ergue-se revoltado e molha meus pés  
Encontro portas na areia  
e abro-as  
A nave-crisálida partiu  
Não houve tempo para mim  
O som do vento nos meus cabelos  
O verão  
A estação do retorno

Entro tristemente  
no castelo dos teus sonhos  
Diga-me que sou o único  
Que você é minha garota  
Talvez eu ainda consiga escutar...

Ouço o som do mundo  
Não estou sozinho  
A serpente enrosca-se  
em minhas pernas  
O branco sob a pele  
Não se mova!  
Os lagartos são os reis  
Não se mova!

Esperar até que a dor passe  
Esperar até que venham os outros  
Mas o sacrifício deve começar  
O rei não mais pode aguardar

## II

Olhos sangrando  
Lanças quentes  
Corações, corações  
Quem pode segurar a mão dos deuses?  
Quem sustenta meus sonhos?  
Como sufocar uma dor tão violenta?

O rei ama o sangue  
e bebe-o toda manhã  
em taças douradas,  
brilhantes

Olhos de lobo esperam  
O manto da noite cobre o vale  
A lua, esquecendo de brilhar,  
fecha seu olho de luz

A cerimônia da morte

O castelo em trevas

E os lobos dilaceram meus restos mortais

Do céu, a loucura  
Derroto impérios de sentidos  
e escapo para o centro  
do círculo perfeito  
A inexistência do falso

Grito para o tempo  
Trovões e relâmpagos  
sacodem a terra  
A chuva é longa como teus cabelos

O pântano  
A criação do inferno de águas  
O isolamento

Entrar na perfeição

Feche os olhos  
O mergulho de morte ou vida  
A confiança no vácuo

Atingir a loucura  
e emperrar os sentidos  
no instante eterno

Só o encontro  
no imenso palco da vida  
onde todos vestem pálidas máscaras

Desejo  
Lúgubre desejo de morrer  
Gritar  
com os dedos na garganta

Tirar do silêncio  
os gemidos e sussurros  
As mordidas e o sexo

A agonia de estarmos mortos  
Embora murmurando para o vento  
que atravessa as muralhas de pedra  
palavras vazias de amor

O castelo.  
Meios de escapar.  
Eles esperam-na para torturar seu corpo,  
sua mente e sua alma  
Retirar a seiva sólida do sonhos  
Os dez mil sonhos que você tem nas mãos

Posso dormir mas não correr  
As árvores estão vivas  
O medo não passa de um grito à meia-noite  
O uivo do lobo

Poucos meios de escapar  
Agulhas não resolveriam?  
Acaso o lobo urbano bateu em nossa porta?  
Seus lábios trêmulos, boca ácida  
Sangue, sangue, dor

Ouça os gritos  
Melhor fechar os olhos  
Mas não há meios de escapar  
de mim.

Interessa-me saber até onde vai a vida  
Porque os portões do céu são fechados  
à meia-noite  
Então, só resta o demônio a chamar as almas  
e a morte entrando na cidade em forma de peste  
matando os que têm e os que não têm alma

É na meia-noite que os fantasmas surgem  
Os medos e o horror tornam-se visíveis e palpáveis  
É a hora dos pesadelos viverem com almas penadas  
( e quem disse que não vivemos num pesadelo e,  
somente quando dormimos, tocamos a realidade?)  
Esta é a vez dos vivos sugarem os mortos  
arrancando-lhes os olhos e vísceras; bebendo sangue

A peste virulenta ergue-se dos becos fétidos  
e inunda o ar róseo dos aristocratas  
A morte é a irmã imparcial dos homens  
Trata a vida com mórbida impassibilidade  
matando-a pouco a pouco  
Câncer

Interessa-me saber até onde se pode viver  
porque o homem não tem muita força, nem resistência  
e não suporta o horror de estar morto por muito tempo  
Pois a morte é silêncio profundo, pacífico, e o homem,  
vida morta, ação de reflexos inconscientes.



Num instante, as trevas  
Lúcifer sonhou com as trevas.  
O anjo mais bonito dos céus  
Que sempre trouxe alegria quando  
tocava, na lira, músicas divinas  
Lúcifer andou e pensou  
Por que o oculto o encantou?  
A não-luz, o conhecimento negado  
Ele precisou saber, quis conhecer  
A dúvida tomou conta de sua mente  
Então desceu dos céus ao espaço fechado  
Atravessou os portais do paraíso  
e conheceu o Tudo!  
Lúcifer admirou o que lá havia  
e soube amá-lo  
Quis, então, voltar aos céus e  
contar aos outros os mistérios  
mas suas asas estavam manchadas de conhecimento  
e os guardiões dos portais  
não o deixaram passar  
Lúcifer vagou pelo oculto  
por muito tempo, mas sempre voltava  
aos portais tentando, inutilmente, entrar  
Suas asas cada vez mais escuras  
A escuridão, por fim, tomou conta de Lúcifer  
e, num acesso de raiva eterna,  
praguejou contra o paraíso e jurou  
vingança pelo seu exílio  
Os portais foram fechados para sempre  
Lúcifer, então, forjou criaturas para sua solidão  
e fundou um reino onde a liberdade era total  
Estava criado o Inferno!

Olhou-me impientemente o gato  
Assim como você, estava preso e queria ajuda  
Ajudei-o?  
Sim, claro! Deixei-o apodrecer por entre  
os fios de treva que escapavam da cela

Muitas vezes, as luzes me assustam  
Tenho medo do brilho das estrelas

Vejo seres disformes à minha volta  
Bolas coloridas piscando, piscando  
O tempo é nulo  
O espaço é nulo

Sonho com terríveis dores de cabeça  
e encontro-me, matinalmente, com o unicórnio  
O sacrifício

Pedras frias cobrem o túmulo do sexo  
Entre aço fundido e computadores, resgato  
uma sombra humana  
uma mulher do espaço  
Mãe virgem das estrelas

Eu grito  
grito como um louco  
mas o coração aperta muito  
o peito  
sufoco a raiva  
e espero outra oportunidade

Preciso cantar versos  
mas, às vezes, emudeço  
porque não quero gemer  
ou pedir ou gritar

Ando em nuvens  
sobre as chaminés  
das casas de inverno  
beber um gole de veneno azul  
o grito

O grito é sufocado  
a música permanece  
mas não a ouço  
só há meu grito  
dentro de mim

Chutar a raiva para cima  
gritar  
tomar um drinque  
e vomitar e não saber o que fazer

A dor que me ataca-  
esta mudez em alto grau-  
fortemente me põe ao chão  
Deixo o sorriso,  
o silêncio e o guarda-roupa arrumados  
Estou  
esperando pelo pior  
chorando no chão da cozinha  
água no chão da cozinha  
misturando água e lágrima

dança  
dança  
seus olhos em frente  
a frente no espelho  
e matar a dança

Parar a dança  
parar  
parar a música  
O silêncio  
e o copo quebrado  
a alma  
alma quebrada  
sem dança, música, cor, ruídos, lembranças,  
sorrisos...  
sem alma  
Chorando  
esperando a chuva  
misturo água e música

Escapo no tempo  
fujo da tua face  
estou louco, estou louco  
mas te amo

percorro na luz  
o sonho de mil sóis  
os miosótis fecham-se  
à minha passagem  
Quero andar ao teu lado  
pelo reino das brumas  
bebendo mistérios e segredos  
da fonte pura de  
nossos corações  
brancos  
Onde estão as tristes aves  
que percorrem meu destino,  
fria e eternamente?  
Dourado sol do amor  
que inspira seu próprio som  
e o som do mundo  
o ritmo frenético do mundo  
a dança-silêncio do amor  
Torres e prisões  
já posso voltar no tempo  
memórias  
de nossas vidas passadas  
e você sempre esteve lá

Porque não agora?

A coluna vertebral  
No centro do mundo  
Às vezes, desfigurada  
Às vezes, desiludida  
A minha coluna vertebral

Vejo montanhas  
(como um visionário)  
ao longe e, perto,  
aqui, vejo um lago  
no qual vou mergulhar

Mas, no meio do salto,  
percebo que é apenas  
lama.

Falar. Antes que as palavras,  
estranhas, percam-se em minha

língua na tua boca. Beija-me.

Tu és tão fraco  
quanto eu  
mas sou eu que persisto no tempo

Posso te machucar  
se tu quiseses  
se não quiseses

Acordo com sorrisos no rosto  
e pêlos na cama

Derroto o dragão do terror  
te beijo  
beija-me  
porque o desejo é grande  
mas não me peça  
que te ame

sou um homem de mil homens  
e aí está toda a verdade

Deixe-me ir para o sol antes que caia a noite  
e meu desejo tome conta de mim



Conheço os segredos do dragão  
e a língua (tua língua)  
da serpente  
No entanto, jamais deixei-me levar  
pelos dotes proféticos que possuo  
Deixe-me falar de sonhos o quanto quiser!  
Não me impeça de morar no céu!  
Mas não me deixe ficar longe muito tempo,  
muito tempo longe de você

abertas. as visões abertas e escuras domam-me  
e levam-me para o teu paraíso  
dormir é domesticar a medusa, olhando  
fixo nos olhos da bruxa.  
da bela feiticeira.  
o duende. mágica que me faz adormecer  
sonhos e torturas a teu lado  
e revisito as torres gradeadas onde  
prendeste teus sonhos

entro. fecho a porta. olho ao redor.  
os teus segredos...

Quando dormir  
A deusa-tempestade (adeus à tempestade)  
construirá um rio de sonhos e profecias  
construirá milagres

Construí um cavalo de ébano para você  
Cavalga-o.  
Através das sombras,  
consegue distinguir  
entre meu canto e o dos pássaros?

suas mãos-belas-entre os olhos

Mármore  
A única verdade você não ouve

Toque-me e beije-me  
sou a serpente  
caleidoscópica  
A serpente dos sonhos  
e do amor

Ele - o reino - rei  
universo. Extirpando as feridas do ódio  
e, dentre a fumaça,  
distinguir a faca  
Mentir até que o sexo proíba  
catarsizar o sexo  
e ver as prostitutas  
descendo a ladeira do medo  
até que o dragão quebre  
o sexo  
Andar nas muralhas  
como no fio da faca  
Atirando no alvo certo  
para a revelação  
Tomar banho (sexo)  
Tirar a roupa (sexo)  
e fazer sexo  
Porque as prostitutas  
beijam meus dedos  
e sentem o anel do deus  
eu sou o deus  
e o dragão  
a serpente colorida que se enrosca no pescoço  
e enforca!

O som se propaga através  
do vidro colorido  
dos teus olhos castanhos

Dentro da sala,  
espero  
o chamado selvagem  
e escondo minhas mãos  
no meu sexo  
Costas arranhadas por  
teus dedos mágicos  
A serpente chinesa  
nas festas dos mortos

Estantes de livros velhos  
mal usados  
são queimados na fogueira  
diante da cruz

o braço estendido  
mão espalmada  
louvando o fogo  
Sol

A cruz irá chorar -  
dizem os profetas -  
mas antes  
muito sangue jorrará  
pelo ódio aos livros  
pelo amor aos livros

Colocar um prego na mão espalmada  
para torná-lo deus

Cérebros flutuantes  
dentro da sala  
muitos amam; muitos adoram  
Poucos sentem

Cérebros flutuantes  
no meio do mundo  
afetam minha vida  
alteram meus sonhos

São várias idéias  
que, entre si, divergem  
muitos amam; poucos sentem  
dentro dos cérebros flutuantes

A rotina estraçalha  
a alma humana

sinto-me prisioneiro  
da morte

Matar as borboletas

a bala fará círculos  
intermináveis na minha  
cabeça

a maldita rotina  
a maldita alma  
humana

JANKEL ROTTENBERG é pseudônimo de Christian Linhares Peixoto